

TRÊS PERGUNTAS PARA BONO

SE EU PUDESSE FAZER TRÊS PERGUNTAS AO BONO, quais seriam? Recentemente, enquanto dava uma palestra no Festival de Artes de Greenbelt, na Inglaterra, fizeram-me esta pergunta. A primeira resposta que me veio à mente foi uma pergunta que meu amigo David Dark tinha preparada para quando, por acaso, a contecesse de encontrar-se com Bono em um elevador: “Quanto de Flannery O'Connor* você leu?” Bom. Bem pensado.

Eu ficaria intrigado também para saber quanto tempo foi necessário para criar aquela apresentação fantástica, ao vivo, que foi a turnê Zoo TV. Eu adoraria ouvir sobre como foi desenvolvida, desde a primeira inspiração até a noite de estréia, bem como sobre seus desdobramentos posteriores.

A pergunta principal, no entanto, tem ficado como que me perseguindo nos últimos anos. Durante esse tempo tenho observado a paixão com a qual Bono se envolveu na Campanha do Jubileu 2000, em prol do perdão da dívida dos países do Terceiro Mundo; tenho sentido a profundidade da espiritualidade contida no álbum *All That You Can't Leave Behind*; tenho visto a banda reconquistar o mundo em sua turnê Elevation, encerrando-a com agradecimentos ao Todo-Poderoso e um coro de aleluias. A pergunta: “como você têm mantido a vitalidade de sua fé cristã tão vibrante no mundo do rock e sem exercer uma comunhão cristã regular?” Esta é, para mim, uma das

*Mary Flannery O'Connor, considerada uma das maiores autoras norte-americanas do século XX, de origem católica, nasceu e foi criada em uma região predominante protestante dos EUA (NT).

perguntas mais fascinantes sobre a impressionante história do U2, talvez a maior banda de rock do mundo, quase vinte e cinco anos depois de ter sido formada.

No entanto, dentro da comunidade cristã da qual participaram três dos quatro membros do U2, minha pergunta será provavelmente recebida com cinismo e substituída por perguntas mais básicas:

“Alguém me disse que os membros do U2 já foram cristãos. Isso é verdade?”

“E hoje, como você acha que eles estão em relação à fé?”

“Vi Bono vestido de diabo. Como um cristão pode fazer isso?”

“Eles parecem ter vergonha do Evangelho, e cristãos não devem agir assim! Como eles podem ter essa atitude se são cristãos?”

“Eles bebem, fumam e falam palavrões. Como é possível acreditar que ainda são cristãos?”

“Se eles dizem que ainda não acharam o que estão procurando, não podem ainda ser cristãos, podem?”

Não importa onde eu vá, se as pessoas ficam sabendo que sou um pastor presbiteriano irlandês, quando menciono o nome U2, há sempre algum tipo de reação. Já participei de discussões acaloradas nos Estados Unidos, África do Sul, Filipinas e muitas e muitas vezes em meu próprio País. O eixo da discussão, mais recentemente, mudou-se para a internet. A julgar pela reação aos artigos disponíveis em meu site, na seção de avaliações, o que se vê mais se parece com capas vermelhas sendo balançadas diante de um touro. Afinal, eles são cristãos?

A grande maioria das entrevistas e resenhas do U2, nos últimos vinte anos, menciona ou freqüentemente concentra-se na fé cristã, que compõe uma grande parte daquilo que a banda é. Sua fé não é ridicularizada. Jamais foi questionada, embora o modo como ela se concilia com o estilo de vida roqueiro tenha, constantemente, sido motivo de questionamentos. A imprensa cristã e os cristãos em geral são os que mais questionam. Parece haver um entusiasmo mordaz

em rotular os membros cristãos da banda de “perdidos”. Muita confusão tem sido criada sobre o que eles tentaram fazer nos anos noventa, além da condenação ao seu estilo de vida, que inclui fumar charutos, beber Jack Daniels e usar uma linguagem incomum para os padrões das Convenções Batistas. A comunidade cristã parece ter confinado suas definições de fé a vários e precisos padrões de comportamento e a clichês de declarações de crença. Presos às minúcias de códigos comportamentais que têm mais a ver com um comportamento burguês honrado do que com normas de procedimento bíblicas, muitos ficaram tão obcecados com o charuto na boca do Bono, que não conseguem perceber a agenda bíblica radical que tem inflamado sua vida e seu trabalho.

MUITOS FICARAM TÃO OBCECADOS COM O CHARUTO NA BOCA DO BONO, QUE NÃO CONSEGUEM PERCEBER A AGENDA BÍBLICA RADICAL QUE TEM INFLAMADO SUA VIDA E SEU TRABALHO.

O fato de os membros da banda, há anos e por razões variadas, terem se distanciado da igreja tem, por certo, jogado mais lenha na fogueira dos questionadores. O fato de a banda ser firme em não falar com a imprensa cristã também tem colaborado. Mas, no começo, quando a banda ainda lhes concedia entrevistas, as referências aos seus componentes eram freqüentemente errôneas e eles se sentiam usados e explorados. O mundo cristão evangélico parecia reivindicar o U2 como sua propriedade, e, portanto, seus membros acabavam interpretando sua fé pela forma como ela era definida e explicada pelas revistas, ao invés de pronunciada e comentada por eles mesmos. Fé de quem: dos membros da igreja ou do U2??? Para a banda, alinhar-se com o discurso da imprensa cristã significava, àquela altura, engavetar sua própria fé e sua própria arte, adequar-se ao molde das expectativas dos outros, estreitar o foco de influência e de alcance da banda. A obra do U2, entretanto, quer nos discos ou nos palcos,

em vídeo ou em entrevistas, nunca negou a sua fé, nem mesmo nas ocasiões em que se questionou como ela se aplica aos acontecimentos de sua geração. Os membros da banda têm constantemente mantido as questões espirituais no centro de tudo o que têm feito, seja olhando para a luz, seja olhando para a escuridão ao seu redor.

O U2 HABITA AQUELE PERIGOSO E PALPITANTE
ESPAÇO QUE LIGA O FÍSICO AO ESPIRITUAL,
O MORTAL AO DIVINO.

O U2 habita aquele perigoso e palpitante espaço que liga o físico ao espiritual, o mortal ao divino. A música da banda estica cada tendão de nossa imaginação numa tentativa, a mais corajosa, de levar-nos ao lugar mais distante que uma banda de rock jamais poderia nos levar. Eles têm preenchido cada milímetro de vácuo com os mais profundos comentários sociais, expondo o absurdo da vida pós-moderna. Dentro e fora dos limites de sua arte, eles têm feito campanha em prol de um Reino espiritual no qual acreditam, mas que ainda não encontraram.

Bruce Springsteen certa vez escreveu que aprendeu mais com uma gravação de três minutos do que com o que aprendeu na escola. O U2 tem sido minha sala de aula por vinte anos. Esses caras têm elevado o meu espírito para dançar em planícies mais altas, ensinando-me acerca da injustiça americana na América Central e do apartheid na África do Sul e interpretado como a fé e o mundo, continuamente, se afagam e se chocam. Eles têm me levado à compreensão da face do mundo tecnológico pós-moderno e da natureza rala e instável da loucura na qual vivemos. Uma loucura que não é mais frenética, brilhante ou ruidosa do que as turmas Zoo TV ou Popmart.

Este livro não é um relato pormenorizado do U2 ou uma biografia abrangente das vidas dos membros da banda. Trata-se de uma narrativa espiritual de suas carreiras. É uma tentativa de contar a his-

tória das jornadas de fé dos membros da banda e de expor os temas espirituais subjacentes à música do U2. No exame destas questões é também essencial olhar para o cristianismo evangélico a corrente de fé que foi tanto a base do trabalho da banda quanto a motivação para que reagissem com ira e desilusão, todas as vezes em que pessoas da comunidade dessa mesma fé mostraram-se mais preocupadas com as aparências do que tão somente com a busca de respostas para o sofrimento humano.

É impossível entender as perspectivas do U2 em relação ao mundo, especialmente no trabalho inicial da banda, sem compreender o ambiente social, religioso e político ímpar da Irlanda do Norte no final dos anos setenta e início dos anos oitenta. Nessa época, a Irlanda do Norte era um País ferido pela agitação civil e pela crueldade selvagem exercida em nome de Deus e da Pátria. Os problemas do país no decorrer dos anos tiveram um impacto significativo sobre o U2 porque aconteceram bem perto de casa: a Irlanda do Norte está a somente 120 quilômetros das casas onde os membros da banda passaram sua infância, em Dublin.

Para compreender uma pessoa por completo é preciso primeiro entender de onde ela vem. Ao lado da agitação da Irlanda do Norte é preciso também entender a formação da Pátria da banda na República. É indispensável conhecer o clima espiritual e musical de Dublin. Trata-se de um ambiente bastante improvável para esta história, mas possivelmente o único que poderia dar à luz uma das maiores bandas de rock que o mundo já conheceu.

CIDADE DE DUBLIN, IRLANDA

A CIDADE DE DUBLIN, IRLANDA, TALVEZ FOSSE O ÚLTIMO LUGAR onde se poderia esperar que algo assim acontecesse, mas, compreensivelmente, foi o único lugar no mundo ocidental de fala inglesa em que o fenômeno do enigma U2 pôde ser engendrado. Algumas pessoas contam a piada de que se você pedir orientação na rua a um irlandês em relação a um determinado endereço, ele responderá rapidamente: “bem, se eu estivesse indo pra lá, não começaria por aqui”. No final dos anos 70, se você quisesse uma oportunidade de fazer um teste musical para a vaga de maior banda de rock do planeta, não teria começado na Dublin carente de música.

No entanto, quando Bill Graham, o jornalista da “*Hot Press*”, começou a divulgar com entusiasmo o U2, um ano e meio antes do lançamento de seu primeiro single, havia alguma coisa sobre a banda que sugeria, ou quase profetizava, que ela estava destinada ao sucesso. Mesmo nesse primeiro artigo, enquanto os membros da banda ainda estavam na escola, Graham usou palavras como “contendora”, “profissional” e “vocação”. Os membros da banda também tinham uma convicção quase que arrogante sobre o seu destino. Em sua primeira aparição na revista “*Rolling Stone*”, em fevereiro de 1981, o líder Bono disse, “não quero soar arrogante, mas a esta altura, sinto que fomos criados para ser um dos maiores grupos. Há uma certa chama, uma certa química que foi especial no caso dos Stones, do The Who, dos Beatles e penso que ela também seja especial com relação ao U2”¹.

¹ James Henke. “U2: Here Comes the ‘Next Big Thing’”, Revista Rolling Stone, 19 de fevereiro de 1981.

Dez anos depois, em 1991, Dublin havia se tornado uma das cidades mais legais da Europa e foi escolhida a Capital Européia da Cultura. Como consequência de uma estratégia governamental para encorajar ricos e famosos a gastarem seu dinheiro ali e obter isenção de impostos para artistas, muitas estrelas do rock, de bom grado, fizeram dela o seu lar. Dublin recebeu o título de cidade das 1.000 bandas. Em cada esquina alguém estava tentando um lugar ao sol no mundo da música. Hot House Flowers, Emotional Fish, Fat Lady Sings e Engine Alley foram apenas algumas poucas bandas contratadas por grandes gravadoras multinacionais, oriundas da cidade às margens do Liffey, que então se tornara o que Liverpool havia sido no início dos anos sessenta. É óbvio que somente algumas dessas bandas conseguiram ir além de sua popularidade paroquial mas, no princípio do terceiro milênio, observa-se a música irlandesa dominando as paradas britânicas. Nomes como Ronan Keating e sua velha banda Boyzone, Westlife e Bewitched, conquistaram o mercado adolescente. E, é claro, The Corrs, The Cranberries e a infame Sínead O' Connor alcançaram sucesso mundial.

O U2 NÃO FOI RESULTADO DE UM CENÁRIO MUSICAL SAUDÁVEL. FORAM A CAUSA DELE.

O U2 não foi resultado de um cenário musical saudável. Foram a causa dele. Quando a CBS lançou o primeiro disco de vinil do U2, intitulado *U2-3*, na Irlanda, em setembro de 1979, pouca coisa acontecia no rock irlandês. Na República, Rory Gallagher e Thin Lizzy haviam alcançado sucesso além-mar, mas que não poderia ser considerado mundial. No ano anterior, a canção do The Boomtown Rats, *Rap Trap*, foi a número um nas paradas britânicas dos singles - feito pela primeira vez alcançado por uma banda irlandesa. A conquista dos Rats reacendeu a esperança das bandas de Dublin, mas ter idéias grandiosas ainda era sonhar contra todas as probabilidades.

A cena punk de Dublin florescia, dando a muitos jovens promissores a energia para fazer barulho e sonhar alto. E, embora eles pudessem nunca ser rotulados como tais, os jovens do U2 chegaram na rabeira de uma nova onda de entusiasmo. Por conta das sempre empolgantes apresentações ao vivo e dos trejeitos carismáticos de seu líder, a banda chamava a atenção. O empresário deles, Paul McGuinness, os descobriu tocando *The Project* e mais tarde declarou que não havia sido a competência deles, mas sua energia bruta, que o havia cativado. Quando foi lançado seu primeiro disco, *Boy*, em outubro de 1980, não houve limites para as predições acerca do grupo.

A razão? *Boy* brilhou com originalidade. O produtor Steve Lillywhite havia burilado a promessa dos singles iniciais. Tudo foi construído em torno de um som ressoante de guitarra que The Edge tirou de um eco Memory Man barato que Bono havia comprado para ele. Foi com esse som que eles começaram a fazer um disco e, alguns diriam, uma carreira. *Boy* foi vibrante, apaixonado, vigoroso. Tinha um senso de busca incansável que melhor descreveria a adolescência que as letras tentavam abordar e seria uma característica que seguiria estes caras até a maturidade.

Bono disse que a canção “Twilight” era “sobre a área cinzenta da adolescência, aquela zona de crepúsculo onde o menino que se foi confronta o homem que caminha para as sombras. Diz respeito à confusão, à dor e à liberdade ocasional que é resultado dessa confrontação”². Se algum guitarrista pudesse pegar esse sentimento e fazê-lo passar por um amplificador, esse guitarrista era The Edge. *Boy* inteiro é assim.

Com relação a composição, Bono admitiria que não descobriu essa arte até o lançamento do disco *The Joshua Tree*, de 1987. Nos discos anteriores do U2, no entanto, ele conseguiu ir fundo dentro de si e encontrar letras que expressavam o que seus contemporâneos estavam sentindo. Era a sua honestidade, mais do que a sua habilidade literária, que tornaram *Boy* um trabalho afetuoso. Quer li-

²Stokes, Niall - *Into the Heart*, pág. 11 - Omnibus Press, Londres, 1996

dando com o suicídio em “A Day Without Me” e observando seu próprio ego sendo entregue (um tema recorrente no U2), quer lidando com o sonho juvenil de estrelato e de mudar o mundo em “The Ocean”, ou confrontando a morte de sua mãe em “I Will Follow”, um jovem estava lidando com seu mundo frente a frente. Olhar para a vida de frente se tornaria uma marca registrada das letras de Bono.

Naquela época, o U2 sempre dispensaria a influência punk da banda. Em suas apresentações iniciais, eles tinham como objetivo apresentar canções de contemporâneos como Peter Frampton, Rolling Stones e até mesmo The Bay City Rollers - e nada dos Undertones, Stiff Little Fingers ou The Sex Pistols. Seriam necessários mais de vinte anos para que o U2 retornasse ao catálogo do punk, quando em 2000 a banda fez referência à cena da Nova York do fim dos anos setenta e tocou “I Remember You”, dos Ramones, no Irving Plaza em Nova York. Joey Ramone viria a falecer alguns meses depois, durante a primeira parte da turnê *Elevation*, suscitando muitas homenagens da banda. The Edge disse ao “*Chicago Tribune*”: “Nós não soávamos como os Ramones, mas aquilo que pegamos dos Ramones foi mais fundamental e central: havia uma razão para nos tornarmos uma banda. Vendo os Ramones tocar, e logo depois o The Clash, foi como dizer, 'Uau! Podemos ser parte disto. Estes caras fizeram o seu caminho, e nós encontraremos o nosso'. Houve um sentimento de que a porta da possibilidade havia se escancarado”³.

Punk talvez tenha sido a motivação por trás de Boy, mas havia uma outra dimensão significativa para o trabalho dos membros da banda - sua fé cristã. Durante a primeira entrevista longa de Bill Graham com Bono, ele surpreendeu o entrevistador ao anunciar abruptamente, “uma outra coisa que você deveria saber... somos todos cristãos”⁴. O baixista do U2, Adam, não era cristão, mas ele era uma exceção à regra naquele grupo. Graham expressou preocupação acerca desta revelação em seu livro *Another Time, Another Place*: “Eu, um típico irlandês ex-católico agnóstico, temi pela reputação deles.

³ Kot, Greg - U2 Renewed, Chicago Tribune, 2001

⁴ Graham, Bill - Another Time, Another Place, pág. 23 - Mandarin Paperbacks, Londres, 1989

Cristianismo de recém-convertidos poderia atrapalhar suas carreiras - uma visão sobre a qual quanto mais eu ponderava mais ilógica se mostrava”⁵. Esses temores tinham um bom fundamento, mas, se a banda fosse de algum outro lugar que não Dublin, haveria menos chances de superar esses impedimentos.

Muitos outros jovens cristãos haviam tentado vencer no mundo do rock e fracassaram por muitas razões. Mas não é necessariamente a visão de mundo cristã que é obstáculo, tanto quanto a subcultura isolacionista que a Igreja criou. Dublin era uma cidade onde os cristãos novos, jovens e zelosos do U2 não iriam ser afogados por qualquer subcultura de Igreja.

Desde o seu início, o U2 viveu sua arte no olho de um furacão que tem cuspidado poeira desde os dias em que Jesus caminhou pelas ruas da terra. Nos dias de Cristo, os fariseus faziam diferenciação rígida entre o que era sacro e profano. Hoje, nos Estados Unidos e na Irlanda do Norte - duas referências em particular para o U2 - há um dualismo semelhante em atividade, colocando bandas como o U2 sob pressão no que diz respeito a onde se apresentam e ao que dizem.

“UMA OUTRA COISA QUE VOCÊ DEVERIA SABER...
SOMOS TODOS CRISTÃOS”.

Se o U2 frequentasse uma igreja nos Estados Unidos ou a 100 quilômetros ao norte de Dublin, na Irlanda do Norte, seria fácil ter sido sugado por uma subcultura cristã. Muitas bandas em situação semelhante são desencorajadas a tocar em espaços seculares, como bares ou clubes, porque cristãos não deveriam estar em lugares assim. A teoria é a de que você não deveria levar Jesus em lugares freqüentemente chamados de “antros de iniquidade”. A única razão aceitável para freqüentar estes lugares seria a de ir para evangelizar os perdidos que vão ali.

⁵ Ibid

Como consequência desta mentalidade, muitos músicos talentosos são introduzidos no cenário gospel, indo de igreja em igreja, cantando canções previsíveis, de conteúdo limitado. A platéia, que é quase que exclusivamente composta por cristãos e que em sua maioria já aceitou as crenças pregadas do palco, acaba não tirando proveito dos dichês. Uma indústria cristã segura, de gueto, é criada com pop stars e gravadoras. Há uma revista, a “*Contemporary Christian Music - CCM*”, que se tornou o selo de toda a indústria - uma indústria sempre exposta ao risco de acabar se tornando culturalmente irrelevante. Quando Jesus disse a seus discípulos que eles eram a luz do mundo (Mateus 5.14), como queria que eles brilhassem? Como raios de luz que fazem a luz brilhar cegamente sobre si mesma, ou como fochos de luz de vidas alternativas e radicais que cruzam a escuridão? Você culpa a escuridão por ser escura, ou a luz por não brilhar?

No início dos anos oitenta, Os Guinness, um dos escritores cristãos mais intelectuais de nosso tempo, escreveu um livro intitulado *Gravedigger File*. O livro baseou-se nas *Cartas de um diabo a seu aprendiz**, de C. S. Lewis, um livro que encontraria o seu caminho na história do U2, escrito do ponto de vista de um diabo mais velho, desenhando a estratégia para subverter a Igreja a partir de dentro dela mesma. Um dos esquemas mais poderosos para fazer isto seria tornar o cristianismo “internamente engajado, mas socialmente irrelevante”⁶. Os cristãos têm toda a energia e os recursos de que a Igreja pode dispor e que são enormes, mas se eles gastarem todo o seu tempo olhando para dentro de si mesmos e não para fora, o diabo ficará alegre. É por isso que o cantor cristão Rich Mullins assinava todos os seus autógrafos “Seja de Deus”. Ele estava consciente de que as pessoas podiam “ser boas” e ainda fazer o diabo sorrir com sua ineficácia.

A banda inglesa Delirious? é um exemplo de uma banda que sofreu com as restrições do gueto da indústria cristã. Surgindo a partir do cenário de uma comunidade na costa sul da Inglaterra, o Delirious? tem tentado entrar no mundo britânico da música há vá-

⁶ Guinness, Os - *The Gravedigger File*, pág. 82 - Holdder Christian Paperbacks, 1983

* *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, foi publicado no Brasil pela Martins Fontes Editora (N.E.)

rios anos. Em um primeiro momento, fazendo experiências em seu grupo local de jovens, os membros do Delirious? descobriram um som de louvor que ia muito além daquele grupo. Eles logo começaram a cumprir uma agenda que incluía os principais palcos na Grã-Bretanha e chegaram aos Top 20 com a canção “Deeper”, com uma melodia pop que caiu no gosto das rádios.

No entanto, embora seu single seguinte, *See a Star*, tenha alcançado o posto de número dezesseis e seu disco *Mezzamorphis* o de número treze, eles parecem ter sido desprezados pelo “*Top of the Pops*” da Rádio 1 e de outros canais de mídia que poderiam elevá-los a patamares maiores de estrelato e influência dentro do rock. Podem ter havido muitas pedras de tropeço. Seu primeiro disco, que tentou explorar novos caminhos em seu som, *King of Fools*, pode ter tido muitas referências enraizadas no gueto, lidando com questionamentos espirituais que críticos e fãs de música secular talvez não tivessem conseguido compreender. Talvez eles tivessem um pequeno grupo de fãs radicais que acreditavam que seus favoritos estavam sendo discriminados por causa de sua fé e acabaram por amolar editores e programadores. Ou talvez esses fãs estivessem certos; talvez seja mais fácil ser aceito no mundo da música se você for budista ou muçulmano do que se for um seguidor de Jesus.

Seja qual for o motivo, o fato é que U2 não enfrentou dificuldades porque em Dublin não havia um gueto cristão como esse e, portanto, nenhuma base exclusiva de fãs cristãos. Eles não tiveram nenhuma necessidade de deixar um espaço para entrar em outro.

A República da Irlanda é sessenta e nove por cento católica romana, e a subcultura evangélica é predominantemente protestante. O fato de que o U2, considerando-se os pais dos membros da banda, era cinco oitavos protestante, é um fenômeno por si só, e o fato de formarem um grupo musical e descobrirem um fervor evangélico sem ao mesmo tempo terem enveredado por algum tipo de dualismo só foi possível por causa de sua localização. Com um número tão pequeno de irlandeses evangélicos, a integração entre a fé e a vida

diária é vital. Não há espaços cristãos onde cristãos tentem germinar para fazer alguma coisa em termos de rock. Se você não conseguir sucesso no mundo real, não conseguirá em lugar algum.

Assim, enquanto os três membros cristãos adolescentes do U2 - Bono, The Edge e Larry - estavam às voltas com estudos bíblicos e iniciando novos esforços para causar impressão no cenário musical local, Bono e The Edge estavam andando junto com um grupo de meninos, excêntricos e malucos, chamado Lypton Village. Foi o Village quem deu a Bono e The Edge os seus nomes. A outra banda na fraternidade musical, The Virgin Prunes, usava vestidos e maquiagem carregada nos olhos e mostrava uma performance do tipo artístico-denfreada. Alguns desses caras também estavam entusiasmados com suas recém-conversões à fé, e, naqueles dias iniciais, parecia não haver quaisquer contradições nisso.

Bem no começo da formação do U2, espiritualidade e musicalidade permitiam-se caminhar juntas. Poucas bandas com três novos cristãos apaixonados e fervorosos teriam tido a liberdade, dentro e fora, de gravar um disco como *Boy*, em seu tempo livre, entre um estudo bíblico e outro. *Boy* trata da adolescência e dos benefícios de se estar livre de expectativas missionárias que tentaram demovê-los de seus sonhos, sem sucesso, enquanto eles saíam de Dublin para conquistar o mundo.

Em *Boy*, “I Will Follow” é a música que talvez melhor fale sobre a fé da banda. Bono canta, “*Eu estava perdido, eu fui achado*”. Como ele faria dezessete anos depois em “Mofo”, do disco *Pop*, Bono estava entremeando a perda de sua mãe com o encontrar Deus. “I Will Follow” seria sua canção mais duradoura. É uma canção que trata da tragédia na adolescência e de discipulado, de maneira habilmente disfarçada, mas igualmente poderosa. Este tipo de disfarce hábil se tornaria uma outra marca registrada da obra do U2.

Na biografia de Bob Dylan, *Down the Highway*, escrita por Howar Soune, T-Bone Burnett, um membro de sua banda, falou sobre a conversão de Dylan a Cristo: “A partir de 1976 algo aconteceu em todo o mundo. Aconteceu com Bono, The Edge e Larry Mullens

(do U2), na Irlanda. Aconteceu com Michael Hutchence (do INXS), na Austrália e aconteceu aqui em Los Angeles: Houve um movimento espiritual⁷. O próprio Burnett converteu-se ao cristianismo juntamente com seus colegas, membros da banda Steven Soles, e David Mansfield, durante a turnê de Bob Dylan, Rolling Thunder Review. O INXS fez o circuito cristão australiano por um pequeno período, embora as razões espirituais ligadas a essa turnê sejam um pouco obscuras. Dylan também confessaria sua fé em Cristo. Quase não há dúvida de que algo especial e distinto estava acontecendo em Dublin. Bono foi o primeiro a encontrar Deus, e parece que foi ele quem levou os outros ao cristianismo carismático e evangélico da comunidade Shalom.

Bono teve alguns poucos encontros com o cristianismo. Quando criança, ele visitava com regularidade seus vizinhos, os Rowan. Robie Rowan era membro da Igreja dos Irmãos. Seu filho Derek, apelidado de Guggi, foi um dos primeiros cúmplices. Guggi mais tarde tornou-se membro do The Virgin Prunes, juntamente com o irmão de alma de Bono, Gavin Friday. Trevor “Homem Forte” Rowan também era um Prune, e seu irmão mais novo, Peter, mais tarde viria a ser o rosto na capa de *Boy e War*. Bono ia aos estudos bíblicos e reuniões de avivamento com os Rowan e frequentava um clube de meninos na ACM (Associação Cristã de Moços).

Se o que estava acontecendo em sua rua atraiu Bono na direção de Deus, o que estava acontecendo em sua escola lhe deu um empurrão. Mount Temple era uma escola de mente aberta e que vinha experimentando ser a primeira entidade de ensino não religiosa em um País ainda em desentendimentos com a Igreja Católica Romana. A escola atraía professores progressistas e criativos, que em sua maioria tinham uma visão mais aberta das coisas da igreja e, alguns dos quais, tinham um compromisso livre e sério com a fé cristã. Sophie Shirley era uma professora assim, a quem Bono descreveu

⁷ Sounes, Howard - Down the Highway: The life of Bob Dylan, pág. 323 - Transworld Publishers, Londres, 2001

como alguém que “realmente mostrava o que Deus pode fazer na vida de uma pessoa, e, embora lutássemos contra ela, jogando tijolos e pedras sobre ela em nome da liberdade adolescente, todos internamente a respeitávamos, e ela exercia uma grande influência sobre nós”⁸.

No final dos anos 70, algo espetacular estava a acontecendo em Mount Temple. A escola havia mudado seu nome e sistema, de uma escola tradicional de rugby onde eram usadas togas desgastadas, para um lugar de experimentações progressistas. A mudança podia ser percebida no ar. As reuniões de oração aconteciam todas as manhãs e, no almoço, mais de uma centena de estudantes se reunia para um tempo de música em louvor a Deus. Churrascos eram feitos na praia em Rush, ao norte da cidade, onde Bono se tornara conhecido por ter feito uma versão ao pé da fogueira da canção cristã popular "Light up the fire" (Acende o fogo). Muitos monitores eram cristãos e suas salas se tornaram outro local para se conversar sobre Deus e se ter comunhão. Em toda a parte na escola parecia que as pessoas estavam se tornando cristãs.

Um professor respeitado na escola, Jack Heaslip, ofereceu apoio e solidariedade a Bono. Ser um cristão de outro modo que não o de ter sido batizado e crismado e ir à missa uma vez por semana teria sido algo um pouco estranho no final dos anos 70 em Dublin. Heaslip parecia ter grande carinho por Bono e foi um grande estímulo aos acontecimentos espirituais daquele tempo. Mais tarde ele se tornou ministro da Igreja da Irlanda e realizou a cerimônia de casamento de Bono com sua paixão de infância, Alison Stewart, que ele encontrou em Mount Temple em 1982. Bono continua incluindo seu nome nos agradecimentos nas capas dos CDs, e ele, por sua vez, continuou acompanhando a banda em suas turnês até 2001, na Elevation tour.

Don Moxham, professor de história na escola e que também desenvolveu um relacionamento com os estudantes, iniciou uma amizade com os meninos do U2. Eles tiveram muitas e longas “sessões de conversa”. Moxham acreditava que ensinar era tão importan-

⁸ Poole, Derek - U2 Gloria in Rock 'N Roll - Strams, 1982

te durante os contatos informais como quando em sala de aula. Ele se tornou uma influência positiva sobre seus estudantes - especialmente sobre esses músicos novatos. Não era carismático, mas possuía uma fé sólida, e sensibilizaria o U2 por muitos anos. Musicalmente, Albert Bradshaw, assim como Moxham, ia além de suas tarefas para inspirar especialmente The Edge a desenvolver seu amor pela música, habilidade técnica e a exploração de melodias e acordes.

Bill Graham sugere que a Mount Temple, espiritualmente liberal, reforçou a fé do U2 em Deus. Ele sugere que se eles tivessem ido para uma escola católica tradicional, teriam se tornado anti-católicos agnósticos como ele, como o empresário deles, Paul McGuinness, ou como Bob Geldof, do Boomtown Rats.

Um incidente determinou que alguns membros do U2 se tornassem cristãos, de acordo com The Edge. Enquanto alguns membros de sua gangue adolescente, a Lypton Village, estavam em um McDonald's, certa tarde, um Hare Krishna começou a insultar um homem que lia uma Bíblia. Quando os meninos chegaram perto do homem, chamado Dennis Sheedy, em parte por curiosidade e talvez para apoiá-lo, eles começaram uma amizade. Foi por causa dela que eles começaram a freqüentar a comunidade Shalom.

Bono estava buscando algo naquela direção já havia um tempo, antes de Larry e The Edge. Logo depois de encontrar Sheedy, eles estavam indo a estudos bíblicos e reuniões de oração. The Edge disse: “Havia um certo movimento em Dublin naqueles dias. Bono era o único cristão verdadeiro até então. Ele começou a compartilhar seus sentimentos e pensamentos acerca de Deus. E parecia uma consequência natural do que estava acontecendo na escola ir nas reuniões fora dela. Percebi que este movimento estava ali e, quase que ao mesmo tempo, Larry e eu nos tornamos cristãos”⁹.

O escritor John Water perguntou a Bono em 1993 se ele sempre havia sido um cristão. Bono respondeu: “Não. Eu tinha informações a respeito”. Ele explicou a grande atração que a fé liberal havia

⁹ Ibid

exercido sobre ele. “Eu acho que a idéia é a seguinte”, Bono respondeu. “A fé judaico-cristã diz respeito à idéia de que Deus está interessado em você - bem diferente da de que um deus está interessado em você. Este, para mim, foi um pensamento radical: o de que Deus, que criou o universo, pudesse estar interessado em mim... é o pensamento mais extraordinário”¹⁰.

A idéia de que este pensamento era radical atraiu o U2. Em qualquer outra cidade do mundo ocidental este tipo de comportamento cristão teria sido visto como fora de moda, quase que burro. Em qualquer outra cidade, Bono teria rido de tal comportamento, respeitável e religioso, da classe média. Mas em Dublin, isto foi algo radical. Levar Jesus a sério foi interessante. De algum modo, a Shalom era um tipo de gangue que tinha alguns paralelos com a gangue Lypton Village. E não era como se uma delas fosse perigosa e a outra segura.

Por muitos anos os membros da banda disseram que a sua fé - e não o seu estilo de vida roqueiro - era a verdadeira rebelião. Em 1983, Bono declarou à revista *Rolling Stone*: “Eu penso que, no final das contas, o grupo é totalmente rebelde por causa de nossa postura contra aquilo que as pessoas entendem ser rebeldia. Aquela coisa toda de estrelas do rock jogando seus carros dentro da piscina - isso não é rebeldia... Rebeldia começa em casa, em seu coração, em sua recusa de comprometer suas crenças e seus valores. Não estou interessado na política das pessoas avançando sobre outras pessoas com paus e pedras, mas na política do amor”¹¹. Para esta banda, era mais rebelde estar lendo Bíblias no fundo do ônibus do que provando drogas - uma perspectiva sobre o cristianismo que não era uma norma cultural. Mas ser de um lugar onde essa fé espiritual intensa era minoritária ajudou os membros da banda a apegar-se ao extremo radicalismo de seguir Jesus.

Nos últimos 20 anos, a música do U2 e a discussão sobre a sua liberdade cristã têm causado impacto no cenário espiritual da

¹⁰ Waters, John - *Race of Angels*, pág. 154 - The Blackstaff Press, Belfast, 1994

¹¹ Henke, James - *Blessed Are the Peacemakers* - *Rolling Stone*, 9 de junho de 1983

Dublin moderna. Têm havido muitas mudanças no modo como os jovens irlandeses vêem Deus e a fé. Em um País tradicionalmente católico, jovens têm, de maneira crescente, proclamado uma fé consistente em Jesus, embora raramente freqüentem a missa. A fé tem se tornado muito mais pessoal e não restrita à voz da hierarquia religiosa tradicional.

Os caras do U2 têm tornado conhecida sua fé em Jesus Cristo. Eles têm deixado claro que, embora tenham os pés postos nos dois lados da divisão religiosa na Irlanda, desenvolveram um relacionamento pessoal com Deus distante de ambos os lados. Por duas décadas o U2 parece desconfiar de qualquer religião organizada. Os membros da banda têm acreditado que sua fé viveu e floresceu fora dos portões estreitos da religião. Bono disse certa vez: “Tenho esta fome em mim... para onde quer que eu olhe, vejo a evidência de um Criador. Mas não vejo isto como uma religião, algo que tem dividido meu povo em dois. Não vejo Jesus Cristo como sendo parte de uma religião. Religião para mim é quase que a idéia de Deus indo embora e as pessoas estabelecendo um conjunto de regras para preencher o espaço deixado por ele”¹².

¹² Black, Susan - Bono in His Own Words, pág. 29 - Omnibus Press, Londres, 1997

OCTOBER

O segundo álbum do U2, *October*, caiu na mesa dos críticos “com um grito” - tal qual o nome de uma de suas músicas - em agosto de 1981. O grito foi um clamor de forte confissão espiritual; muito forte, na verdade. A crítica de Neil McCormick na “*Hot Press*”, considerou *October* “um disco cristão”¹³. Com títulos como “Gloria” e “Rejoice” e alusões à cruz em “Tomorrow” e “With a Shout (Jerusalém)”, as músicas vão fundo em uma busca apaixonada e alcançam o céu de uma forma altamente contagiante. Foram raras as vezes em que o cristianismo colidiu com o rock com tanta força ou de maneira tão gratificante. *October* foi a primeira declaração ao mundo exterior da guinada espiritual na história do U2.

O U2 foi reunindo um pequeno grupo de seguidores fanáticos como resultado de seu extenso trabalho de música ao vivo, mas *Boy* não havia, de fato, quebrado qualquer recorde de vendas. Este segundo álbum certamente teria que apreender o tipo de resposta que sua performance carismática estava recebendo. Será que as preocupações espirituais de *October* seriam aceitas? A descoberta destes novos hinos cristãos aconteceu quando o U2 abriu o concerto de Thin Lizzy, em Slane Castle, às margens do Rio Boyne, ao norte de Dublin. Os membros da banda se agitavam no palco cantando sobre Jerusalém e *uma cruz ao lado de um monte, onde sangue foi derramado* (da música With a Shout - NT). Foi ousado e ardente. Houve uma certa incerteza na multidão - talvez mais do que a que um trabalho novo

¹³McCormick, Autumn Fire - October Review - Hot Press, Dublin, 16 de outubro de 1981